

Quem é velho e quem é idoso no capitalismo contemporâneo? Reflexões sobre o envelhecimento de mulheres trabalhadoras

Who is old and who is elderly in contemporary capitalism? Reflections on the aging of working women

Amanda dos S. Lemos* 

RESUMO

O envelhecimento populacional é uma realidade hoje. Vários são os fatores que permitiram essa conquista. Entretanto, a cada dia se intensificam os debates sobre o longeviver e o longeviver com dignidade. Apesar de ser um processo natural, muitos poderão ser os fatores sociais que agirão no processo do envelhecimento e na sua vivência. Dentro dessa perspectiva alguns grupos despertam preocupação, em função de como vivem a juventude e a fase adulta, o que impactará diretamente na sua velhice. Dentre esses grupos, chamamos atenção para a situação das (ex)trabalhadoras domésticas negras, a partir da experiência com institucionalização de pessoas idosas. À medida que nos aprofundamos nas peculiaridades da vida da classe trabalhadora, mais é válido questionarmos quem é velho e quem é idoso na sociedade brasileira.

Palavras-Chave: envelhecimento; raça; etnia; classe trabalhadora; trabalho doméstico; capitalismo contemporâneo.

ABSTRACT

Population aging is a reality today. There are several factors that allowed this achievement. However, debates on long-living and long-living with dignity intensify every day. Despite being a natural process, there may be many social factors that will act in the aging process and in its experience. In this perspective, some groups give cause for concern, due to how they experience their youth and adulthood, which will directly impact their old age. Among these groups, we draw attention to the situation of black (former) domestic workers, based on their experience with the institutionalization of elderly people. As we delve deeper into the peculiarities of working-class life, it is more valid to question who is old and who is elderly in Brazilian society.

Keywords: aging; race/ethnicity; working class; domestic work; contemporary capitalism.

ARTIGO

<https://doi.org/10.12957/rep.2023.78945>

*Fundação Getúlio Vargas (FGV), Rio de Janeiro, RJ, Brasil. E-mail: amandadoslemos@gmail.com

COMO CITAR: LEMOS, A. S. Quem é velho e quem é idoso no capitalismo contemporâneo? Reflexões sobre o envelhecimento de mulheres trabalhadoras. *Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 53, pp. 100-114, set./dez. 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/rep.2023.78945>

Recebido em 29 de janeiro de 2020.

Aprovado para publicação em 28 de setembro de 2022.



© 2023 A Revista Em Pauta: teoria social e realidade contemporânea está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional.

Introdução

*A coisa mais moderna que existe nessa vida é envelhecer
A barba vai descendo e os cabelos vão caindo pra cabeça aparecer
Os filhos vão crescendo e o tempo vai dizendo que agora é pra valer
Os outros vão morrendo e a gente aprendendo a esquecer
(Arnaldo Antunes)*

Ao compor *Envelhecer*, Arnaldo Antunes nos adverte de que envelhecer é a coisa mais moderna que há; envelhecer representa uma conquista, um direito, ainda assim, o envelhecimento é cercado por preconceitos, mitos e desesperanças. Mesmo alguns autores empreendendo esforços para desmistificar as múltiplas facetas e possibilidade do envelhecimento – *Simone de Beauvoir, Ana Amélia Camarano, Alexandre Kalache, Solange Teixeira*, entre outros –, ainda há muito o que se (des)construir sobre essa fase da vida, principalmente, quando a proposta é pensar a diversidade no envelhecimento. Isso significa pensar como negros, mulheres, indígenas, deficientes, pessoas LGBTQIA+ pertencentes à classe trabalhadora vivenciam o que chamam de “melhor idade”.

Apesar de ser um processo biológico, ou seja, natural, agentes externos ao organismo poderão operar de modo a mudar o curso da vida. Quando associado a diferentes marcadores sociais, tais como classe social, raça e etnia e gênero, por exemplo, veremos que diferentes processos de vida, determinados, especialmente, pelo pertencimento social e étnico-racial, levarão a outras possibilidades de envelhecer, que nem sempre levam a uma “bela velhice” (GOLDENBERG, 2017).

Sabemos que a classe trabalhadora representa o conjunto dos indivíduos submissos a um sistema, no qual estes têm apenas a força de trabalho para negociar sua existência/sobrevivência. Dentre os trabalhadores, haverá aqueles que ocuparão posições ainda mais subalternas, o que é suficiente para agravar suas condições de vida. Nessa escala, uma das ocupações consideradas mais subalternas é a do trabalho doméstico remunerado¹, que ainda hoje (por conta da escravidão) é exercido, majoritariamente, por mulheres negras². Então, a proposta desse artigo é fazer alguns apontamentos – visto que não haveria como esgotar essa reflexão em um único

1 “A Lei 5.859/72 conceitua o Empregado Doméstico como sendo “aquele que presta serviços de natureza contínua e de finalidade não lucrativa a pessoa ou família, no âmbito residencial destas” (ANDRADE, 1997).

2 “Se a condição de trabalho das empregadas domésticas é ruim, a das trabalhadoras domésticas negras é ainda pior. Elas são maioria, têm escolaridade menor e ganham menos. Em 2014, 10% das mulheres brancas eram domésticas, índice que chegava a 17% entre as negras.” DIAP – Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. *Mulheres são maioria no trabalho doméstico, revela pesquisa do MTPS Ipea*. In: DIAP. Notícias. Brasília, 18 mar. 2016. Disponível em: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/86314-mulheres-sao-maioria-no-trabalho-domestico-revela-pesquisa-do-mtps-ipea>. Acesso em: 19 jun. 2019.

artigo – sobre o processo envelhecimento de (ex)trabalhadoras domésticas negras, a partir de seu ingresso em instituições de longa permanência para idosos (Ilpis).

A forma de conceber e viver o envelhecimento depende do contexto histórico, dos valores e do lugar que o idoso ocupa na escala classificatória dessa sociedade, que ao final serão os responsáveis pela construção social do envelhecer e da velhice. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 5).

O ponto de partida para essa análise é minha experiência profissional como assistente social em Ilpis públicas. Estando cercada por idosos, é possível perceber como é variado o significado da velhice, bem como a maneira como os sujeitos a vivem. São formas e valores inimagináveis para jovens e, também, para aqueles que desconhecem as desigualdades sociais e raciais. Durante os atendimentos sociais, muitas foram as histórias que me chamaram atenção, narrativas marcadas por abandonos, renúncias e perdas afetivas e materiais, mas algumas histórias eram mais sentidas que as outras, as histórias das *(ex) trabalhadoras domésticas negras*.

Para além de me perceber nessas mulheres e, talvez por isso, por ser tão tocada por suas histórias, sou assistente social³ formada há quase 15 anos, dos quais, aproximadamente, oito anos foram trabalhando em duas Ilpis públicas, ambas gerenciadas pelo governo do estado do Rio Janeiro. A primeira, de grande porte, chegou a abrigar 300 idosos durante os seis anos em que lá trabalhei. A segunda, onde fiquei por mais dois anos, era de pequeno porte, atendia apenas 71 idosos, sem a possibilidade de novos ingressos por determinação judicial. Ficava localizada numa região muito afastada da Zona Oeste da cidade, o que tornava tudo mais dramático do ponto de vista operacional. Homens e mulheres destituídos, despossuídos, desprestigiados, entregues às providências públicas para manutenção de suas vidas, em sua maioria negros, com baixa escolaridade e vivendo de benefícios assistências⁴.

Mesmo não tendo esse entendimento no decorrer da experiência profissional, as reflexões trazidas nesse artigo vêm de um longo e denso exercício *etnográfico*. Estar durante tanto tempo naqueles lugares me trouxe uma outra concepção de homem e de mundo, outra forma de conceber as relações e um pertencimento étnico-racial muito mais avivado; hoje eu faço uma outra leitura da realidade daquelas pessoas.

3 Concluí o curso de bacharelado em Serviço Social em 2004, em uma universidade privada do Rio de Janeiro, para onde retornaria, posteriormente, na condição de professora do mesmo curso. Em 2010, obtive o grau de mestre em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Grandes insurgências, que não impedem que eu me reconheça nessas mulheres.

4 Para detalhamento sobre o perfil da população acolhida, consultar BRASIL. Ministério da Cidadania. Censo Suas. In: *Portal Censo Suas*. Brasília, [201-]. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmeps/portal-censo/>. Acesso em: 11 jul. 2019.

Você pode estar nesses espaços como usuário ou como profissional, como bem salientou Goffman (1974). Obviamente que as experiências de trabalhadores e usuários serão distintas, mas é impossível observar a vivência do outro e não ser atingindo por essas experiências, pela passagem por aquele espaço. Muito naturalmente, aquelas personagens e histórias tornam-se objeto de interesse e curiosidade científica, vide nossa inserção e observação frequente no campo, pois a troca de experiências é contínua e genuína, motivando sempre a busca incessante por respostas.

Os relatos que se seguem foram rascunhados para elaboração de documentos institucionais, em relatórios sociais e outros. Hoje chamá-los-ia de *diários de campo*, pois neles foram registradas informações imperiosas sobre minhas observações e percepções acerca daquela realidade e que se tornaram imprescindíveis para a realização desse trabalho.

Ao fazer esses registros/documentos me deparei com histórias de vida de pessoas reais, com vazios existenciais reais de gente que dividia suas experiências e angústias com as equipes técnicas de cada uma dessas instituições por onde passei, como “*se fossemos da família*”. São histórias fortes, que precisam ser pensadas, teorizadas, socializadas para que situações de aviltamentos e indignidade deixem de ser padrão e rotina em nossa sociedade.

O lugar de (onde se) fala⁵

Eu não sou uma mulher idosa, porém, sou uma mulher negra; também não sou trabalhadora doméstica, mas sou trabalhadora; não protagonizei nenhuma das histórias que contarei a seguir, mas pude acompanhar o desdobramento de cada uma delas, os impactos que determinadas situações podem causar na vida dos indivíduos. Além disso, tenho consciência racial e empatia o suficiente para reconhecer que pertenço ao mesmo grupo étnico-racial e social dessas personagens e que, portanto, estou sujeita a vivenciar experiências muito similares às relatadas aqui: a estrutura social remete a mulher negra ao lugar da subalternidade e da servidão, quiçá a mulher negra envelhecida.

[...] As experiências desses grupos localizados socialmente de forma hierarquizada e não humanizada faz com que as produções intelectuais, saberes e vozes sejam tratadas de modo igualmente subalternizados, além das condições sociais os manterem num lugar silenciado estruturalmente. Isso, de forma alguma, significa que esses grupos não criam ferramentas para enfrentar esses silêncios institucionais, ao contrário, existem várias formas de organização políticas, culturais e intelectuais. [...]. (RIBEIRO, 2017, p.63).

Quando se trabalha em uma Ilpi, cumpre-se uma carga horária mínima de trabalho de 24h/semana; atende-se a uma população que *sempre* está na instituição; muitas vezes

5 “Pensamos o lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social” (RIBEIRO, 2017, p. 64).

esses atendimentos acontecem na “casa” do usuário (seu quarto) e isso é uma questão, pois essa é uma especificidade do campo e será impossível não constituir vínculos com aquela população. O contato com os usuários é constante e intenso, diferentemente de um hospital de emergência, por exemplo; acessam-se memórias e histórias há muito guardadas, que *deveriam* ter sido “*apagadas*”, muitas vezes, histórias de perdas e abandonos. Acompanhamos o processo de finitude bem de perto.

A condição profissional já diferencia sua presença no espaço institucional e a percepção que o outro tem você. Muitos acreditam que você pode resolver todo e qualquer problema, outros te veem somente como “*a moça boazinha*”, muitos veem em você alguém que pela primeira vez em sua existência os percebeu como gente, conferiu alguma dignidade, alguns nem sabem lidar com essa situação. O fato é que o trabalho do assistente social carrega em si uma carga emocional e histórica muito grande. Nos tornamos um grande “receptáculo”, em que nossos usuários deixam suas angústias, suas infelicidades, suas frustrações e expectativas, esperam encontrar em nós alguma solução para suas aflições, ou pelo menos algum alento. Nem sempre somos capazes de resolver as angústias da população usuária, mas saber que tentamos e continuaremos amanhã a trabalhar em prol da melhoria da qualidade de vida daquelas pessoas é o maior estímulo e, também, nossa maior recompensa.

A profissão de Serviço Social é demandada pela sociedade capitalista na era dos monopólios para a intervenção na vida da família trabalhadora de modo a implementar políticas sociais que façam o enfrentamento das sequelas da ‘questão social’, materializando os direitos do cidadão, promovendo a coesão social. É no cotidiano que o assistente social atende individualmente, faz grupos, reuniões, planeja, emite relatórios e recomeça tudo no dia seguinte. A vida cotidiana, segundo Heller (2008), é o espaço da vida, onde se participa com todos os aspectos da personalidade, requerido a todo momento para respostas imediatas a diferentes questões. (LACERDA, 2014, p. 23).

O fato de ser uma instituição *pública*, gerenciada pelo governo do estado, confere algumas características a esses espaços: o perfil do público atendido, em sua grande maioria, marcado pela pobreza e pelas desassistências ao longo da vida; a escassez de recursos, muitas vezes para a realização do mínimo; a dicotomia entre a auto culpabilização da família e a de sua satanização, até mesmo por parte de agentes institucionais.

Uma Ilpi é uma instituição total e é preciso estar em uma instituição total, como aquelas onde estive, para entender seu funcionamento, seu código moral, seus processos de socialização e (re)significação, a rejeição do “mundo exterior” àqueles que se encontram institucionalizados, a vergonha por estar acolhido “naquele lugar”, a postura de alguns profissionais em relação à regulação da vida do outro, a normatização da vida. É como viver/estar em uma sociedade paralela, ou, parafraseando Castro (2011), é muito fácil perceber as “*fronteiras simbólicas*” construídas em torno dos que são “abrigados” e os “não abrigados”.

Uma instituição total pode ser definida como um local de residência e trabalho onde um grande número de indivíduos com situação semelhante, separados da sociedade mais ampla por considerável período de tempo, levam uma vida fechada e formalmente administrada. (GOFFMAN, 1974, p. 11-17).

A verdade é que as instituições totais despersonificam ou, como Castro (2011) cita, em uma instituição total entrarão em ação mecanismos de “mortificação do eu”, que retiram do indivíduo seu “kit de identidade” anterior à institucionalização, trazido do “mundo de fora”. Isso é o que faz uma instituição como uma Ilpi, mesmo tratando-se de um lugar de acolhimento e cuidado. Nesse local, o assistente social tenta reunir “cacos” e assim restaurar a dignidade de muitos, viabilizar e garantir acesso a direitos fundamentais, preservar algum vestígio de humanidade naquelas pessoas. É impossível estar ali e não ser tocado por determinadas histórias e situações, por mais que sejamos profissionais e empreguemos técnicas específicas para realizar todas as abordagens.

Antes de prosseguir, é preciso dizer que as histórias retratadas aqui e que levaram às reflexões que motivaram esse texto são de mulheres que tinham em comum, além do fato de serem todas acolhidas institucionalmente, o de terem sido trabalhadoras domésticas e serem negras. Todas trabalharam durante muitos e muitos anos nas mesmas “casas de família”, envelheceram e foram institucionalizadas por não terem mais condições de exercer suas atividades laborais.

Me questiono então se é mera coincidência que essas mulheres tenham vidas tão semelhantes ou se há uma questão estrutural que as colocou no lugar da empregada doméstica e, posteriormente, no lugar de velha asilada (relembrando uma expressão arcaica e em desuso, mas que expressa a condição dessas mulheres), pela falta de referências afetivas e familiares; me questiono se ter exercido a função de trabalhadora doméstica foi uma escolha ou se traduz a falta de oportunidades oferecidas a um determinado grupo; me questiono por que todas são negras. Enfim, na sequência teremos o relato das histórias de duas idosas, (ex)trabalhadoras domésticas negras, acolhidas em Ilpis públicas, em diferentes épocas.

*Elisete*⁶ não faltava a nenhuma das oficinas de cognição e memória realizadas pela equipe de psicologia. Todas as quartas-feiras, pontualmente às 10h, Elisete se dirigia ao Centro de Convivência para participar da atividade. Também era destaque em todas as festas e eventos realizados na instituição. Era nossa cantora, apesar de em todas as suas “apresentações” cantar uma mesma canção.

Era uma mulher de poucas palavras e mau humor constante. Dizia que tinha sofrido uma grande desilusão amorosa, nunca nos contou ao certo como tudo aconteceu. Negra, alta, esguia, semblante carregado por uma sobriedade rara, fisionomia abatida por uma

6 Nome fictício.

doença pulmonar. Não tinha muitas “amigas” na unidade em que morava, era mais próxima da equipe. Dizia que “não gostava daquelas mulheres”, era muito elegante; mesmo acometida pela tuberculose não largou o vício do cigarro, vício sustentado com o dinheiro de sua aposentadoria por tempo de serviço.

Trabalhou por mais de 30 anos em uma mesma “casa de família”, criou os filhos dessa família, perdeu os vínculos com sua família de origem, dedicou-se ao cuidado. Nos dias de folga, costumava cantar em bailes e outras atividades recreativas. Quando perdeu sua capacidade laboral, em função da idade avançada e da tuberculose, foi deixada no abrigo por seus empregadores, que a visitavam muito esporadicamente. Assim mesmo, os dias de visita eram os mais felizes para ela. Nas oficinas de música ou nas confraternizações, ela sempre cantava a mesma música, *Barracão de zinco*⁷.

A história de Elisete não difere da história de muitas das mulheres institucionalizadas em lugares como esses, o que reforça a ideia de que existem várias formas de vivenciar o envelhecimento, e, portanto, problematizá-lo. Muitas são as Elisetes que vivem em Ilpis, nem todas são negras, nem todas foram empregadas domésticas, mas, quando se trata de espaços públicos, os versos de *Barracão de zinco* (1953) expressam as experiências de vidas de muitas das que ali estão. “*Ai barracão, pendurado no morro e pedindo socorro [...]*” retrata a vida da população negra, periférica, sem escolaridade, marginalizada por seus traços fenotípicos, que recorre a trabalhos que exigem pouca ou nenhuma qualificação, como o trabalho doméstico, para não morrer de fome e, quando envelhecem, é acertada em cheio pelas desigualdades que afetaram suas vidas: no momento da vida em que mais demandariam cuidados, são pessoas deixadas nas instituições, não têm motivos para crerem que esta fase é a “melhor idade”. Todo esse processo só reforça o juízo de que existe uma população que pode ser descartada quando não tem mais “utilidade” para o sistema produtivo.

Estudos comprovam que mulheres são mais institucionalizadas que homens na velhice⁸, dado que não deve causar estranheza, já que culturalmente o cuidado é atribuído à mulher e nossa sociedade está arraigada nos valores patriarcais, que conferem à mulher uma condição subalterna. Ironicamente, o trabalho doméstico baseia-se, justamente, no cuidado e no afeto, afeto que não necessariamente se traduzirá em reciprocidade e/ou garantia de direitos quando as relações trabalhistas cessarem.

Talvez o relato mais chocante seja o da vida de *Norma*⁹, negra, de baixa estatura, continuamente está com um lenço protegendo os cabelos. Sempre leva consigo um saco,

7 Para consultar a letra na íntegra, acessar: BARRACÃO de Zinco. [Composição]: Luiz Antônio; Olde-mar Magalhães; [Intérprete]: Elisete Cardoso. In: *Letras*. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/elisete-cardoso/870395/>. Acesso em: 3 jun. 2019.

8 Para dados relativos ao perfil das Ilpis no Brasil e dos idosos institucionalizados, consultar: Camarano (2011).

9 Nome fictício.

pesadíssimo, onde carrega tudo o que se poderia guardar; ali, ela carrega todos os seus pertences, suas riquezas, pois tinha “medo de perdê-los novamente”. É muito amorosa, me batizou de *Arlete* e assim me chamava diariamente. Me perguntava por várias pessoas que provavelmente faziam parte de sua história, mas não explicava quem eram ou como poderíamos encontrá-las. Não recebia visitas. Não tinha documentos de identificação pessoal, a chamávamos assim, mas nem tínhamos certeza se esse era realmente seu nome.

Tinha uma péssima dicção, pouco se compreendia do que ela falava, mas nesse pouco sempre entendíamos uma mesma história: que tinha vindo de Magé, do Largo do Soldado, que tinha trabalhado em uma “casa de família” e criou duas crianças, que viveu lá por muito tempo. Não conseguia explicar como chegou às ruas; foi amparada por uma equipe de abordagem quando estava em situação de rua e, na sequência, levada ao abrigo. Quando chegou trazia um pequeno saco e a roupa do corpo.

Vivia pedindo folhas de papel a todos os técnicos para escrever longas cartas para ninguém, nunca nos deixou ler as mesmas, dizia que não eram para nós. Não podíamos pleitear qualquer benefício (financeiro) social, justamente por não ter documentos de identificação pessoal, era uma indigente. Não sabe precisar onde nasceu, para que a equipe pudesse providenciar a 2ª via de seus documentos¹⁰.

Um dia, resolvemos investigar o que havia (ou se havia) o tal Largo do Soldado. Colocamos Norma em um dos carros da instituição e a levamos ao distante lugar. Para surpresa geral, a casa e as crianças – agora adultos – estavam lá! Porém, não houve emoção nesse reencontro. A moça relatou que a certidão de nascimento de Norma estava com eles, embora não pudesse entregar naquele momento, pois dependia do irmão que estava no trabalho, mas nos enviaria o documento pelos Correios com a máxima brevidade. Como os dias passaram e o documento não chegava, retomamos o contato e fomos informadas de que o documento não seria devolvido, para que Norma não tivesse possibilidade de entrar na justiça contra a tal família.

“As mulheres negras estão ausentes de todas as estruturas de poder da sociedade. Elas são absolutamente minoritárias em espaços de decisão. É uma condição de subordinação e de subalternização social que precisa ter as causas e as razões discutidas” (CARNEIRO, [201-])¹¹. A subalternidade e expropriação a que mulheres negras estão (historicamente) submetidas pode não ser palpável para muitos, até que nos deparamos com Norma. O fato de não ter documentos de identificação pessoal faz com que, oficialmente, *ela não exista* para nada, para ninguém, a ela foi negado o direito de ser.

10 A título de esclarecimento, quando todas as alternativas para regularização da situação cível de Norma foram esgotadas, requeremos a intervenção do Ministério Público do Rio de Janeiro.

11 INSTAGRAM. *Intelectuais negras*. Disponível em: https://www.instagram.com/intelectuais_negras/. Acesso em: 4 jul. 2019.

Embora muitas daquelas mulheres não se percebam negras¹² e não existam registros oficiais em relação ao perfil étnico das pessoas acolhidas naquelas Ilpis, a observação empírica no campo mostra que majoritariamente aquelas pessoas são negras, têm níveis de escolaridade precários, são periféricas. O fato de não se identificarem como negras não depõe contra elas, ao contrário, é preciso que se entenda esse comportamento como variante de um processo histórico de destituição e desvalorização da população negra, que toma de assalto a identidade dessa população, em especial das mulheres, negando-lhes o direito de ser quem realmente são. Quantas histórias já foram e ainda serão apagadas por conta de um racismo estrutural, que rouba dos sujeitos o direito e a oportunidade de existir?

Volto a lembrar que não fui protagonista das histórias relatadas aqui, mas protagonizei o processo de escuta, registro e encaminhamento desses (e de tantos outros) casos e, na condição de trabalhadora da Assistência Social, me sinto no dever, de alguma maneira, de dar voz àqueles sujeitos e suas histórias. Trazer ao conhecimento público essas histórias é fazer com que aqueles indivíduos sejam percebidos, lembrados. Escrever sobre um grupo tão marginalizado historicamente pode *contribuir* para a reversão desses processos. Como diria a escritora brasileira negra Conceição Evaristo (2015), “*eles combinaram de nos matar, a gente combinamos de não morrer*”.

Raça e envelhecimento

Hoje, há um debate sobre a “*invenção de uma bela velhice*” (GOLDENBERG, 2017), trabalhando essencialmente com a ideia de que a velhice não é o fim, mas sim um recomeço, cheio de novas possibilidades para a pessoa idosa. Realmente, envelhecer não é sinônimo (pelo menos, não nos dias de hoje) de morte, definitivamente, não é. Mas é preciso considerar que a velhice não é uma fase linear e idêntica para todos; pensar o envelhecimento associando-o a outros marcadores socioculturais no decorrer dos processos de vida dos sujeitos ajudará a entender as possibilidades de se viver uma “*bela velhice*” (GOLDENBERG, 2017) ou não. Para Alexandre Kalache (2017), “a pobreza, a falta de instrução e as diferenças sociais limitam a capacidade funcional das pessoas, aumentando a dependência dos idosos. As pessoas não se cuidam quando são jovens por falta de condições e a situação se agrava quanto mais a idade avança”. (THATY, 2017)¹³

12 Segundo o IBGE, apenas no último censo houve um aumento do número de indivíduos que se assumiam como negros/pretos. Isso significa dizer que muitos dos idosos acolhidos naquelas instituições não se autodeclararam negros, porém, as características fenotípicas não deixam dúvidas sobre a sua ascendência (ATHIAS, 2018).

13 Alexandre Kalache, entrevistado e citado em: THATY, M. Envelhecimento: reflexos da pobreza, educação e atendimento médico na vida do idoso (bloco 2). In: CAMARA DOS DEPUTADOS. *Reportagem Especial*. Brasília, 27 mar. 2017, áudio player. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/510323-envelhecimento-brasil-um-pais-de-idosos/>. Acesso em: 25 maio 2019.

Um modo de produção organiza uma sociedade, fundamenta-a e determina a maneira como ela se erguerá. Dentro da perspectiva teórico analítica, marxista, o preceito fundamental da sociedade capitalista são as relações de produção e consumo de mercadoria, que levarão à acumulação de capital. Teremos então, de um lado, uma classe que acumulará esse capital – burguesia – e, de outro, a classe que produzirá e consumirá essas mercadorias – proletariado. A partir daí, todas as relações, valores e percepções serão estabelecidas.

As relações jurídicas, bem como as formas do Estado, não podem ser explicadas por si mesmas [...] essas relações têm, ao contrário, suas raízes nas condições materiais de existência [...]. Na produção social da própria existência, os homens entram em relações determinadas, necessárias, independentes da sua vontade; essas relações de produção correspondem a um grau determinado de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se eleva uma superestrutura jurídica e política e à qual correspondem formas sociais determinadas de consciência. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e intelectual. Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o ser social que determina sua consciência. (MARX *apud* FERREIRA; SILVA, 2011, p.14).

Uma vez que há a consolidação do capitalismo enquanto modo de produção, um novo modo de vida vai surgindo e se moldando. Nesse novo modo, a ideia das idades cronológicas fica muito bem demarcada, “institucionalizando o curso da vida”. O objetivo é deixar clara a fase da vida/idade em que os indivíduos deverão acessar as “novas” instituições sociais, a saber: instituições de educação, sistema produtivo (trabalho) e políticas públicas de assistência. Observa-se que tais instituições giram em torno do trabalho. Há por parte do sistema (produtivo e estatal) um esforço em regular a vida dos sujeitos e direcioná-la ao mundo do trabalho, desde sua entrada, preparada pelo sistema educacional, até sua saída, amparada pelo sistema de políticas públicas, reforçando, não por acaso, que as pessoas idosas (no caso, os trabalhadores) estarão mais vulneráveis na fase final da vida.

Essa datação cronológica funciona como definidora do papel social do indivíduo na família e na sociedade, precisando o momento em que ele deverá ser introduzido no sistema escolar e no mercado de trabalho; determinando o momento em que ele deverá ser contemplado por políticas sociais específicas, datando também, a idade para assunção da responsabilidade civil diante das legislações vigentes. (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 4).

Voltemos às características e papéis desempenhados pelas classes sociais. Obviamente, a classe trabalhadora estará subjugada e dominada em relações de poder e exploração exercidos pela burguesia, em que o marcador idade será apenas mais um elemento de dominação desse grupo. Na verdade, a idade funcionará como “*prazo de validade*” para determinar o tempo de uso da mercadoria força de trabalho e a serventia daquele trabalhador.

Devido ao seu caráter instrumental, as categorias de idade são construções culturais e sociais arbitrárias que atendem a interesses políticos de grupos sociais na luta pelo poder. Uma vez que os grupos se definem a partir do lugar social em que se encontram, essa forma de organização social fundamentada na classificação dos sujeitos, cria relações de poder ao promover a hierarquização e a dominação de determinados grupos sobre outros. (BOURDIEU *apud* RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 4-5).

Logo, parece que o processo de envelhecimento não transcorrerá da mesma forma entre trabalhadores e não trabalhadores. “As pessoas mais velhas se tiverem boa saúde, estabilidade financeira e afetiva, pode ser tão felizes quanto as mais novas” (GOLDENBERG, 2017).

São os determinantes sociais da saúde. A gente tem que insistir nisso, sobretudo em um país com as imensas desigualdades e iniquidades que nós todos conhecemos tão bem. Os contrastes são imensos. Uma coisa é envelhecer como nós envelhecemos. A outra é como milhões dos nossos irmãos, cidadãos brasileiros, que já chegaram mal à terceira idade. Já estão excluídos, já não têm os seus direitos respeitados e é muito menos provável que eles tenham os direitos respeitados porque quem foi excluído ao longo da vida, terá uma grande chance de continuar sendo excluído, ou ter essa exclusão ainda mais agravada. (KALACHE, 2017).¹⁴

As citações acima são de formulações que trabalham em perspectivas (teórico-metodológicas) distintas, porém, parecem concordar que não será possível gozar de uma velhice plena e saudável se fatores econômicos e emocionais não convergirem para isso.

Para fins de ilustração sobre a não possibilidade de padronizarmos o processo de envelhecimento e, tampouco, que nem todos conseguirão ter uma “*bela velhice*” (GOLDENBERG, 2017), não por falta de desejo, mas pelo resultado de uma equação existencial, gostaria de citar o depoimento de duas pessoas que vivenciam esse mesmo processo, porém, claramente são de classes sociais distintas. O primeiro é a fala de uma professora de 45 anos, que serviu de exemplo em palestra proferida pela prof^a. Miriam Goldenberg para o Programa TEDx¹⁵.

Como disse uma professora de 45 anos. Ela dizendo: ‘a minha maior crise foi quando eu fiz 40 anos. Entrei em pânico por estar ficando velha. Não sei se faço cirurgia plástica, Botox, preenchimento. Não sei se eu posso continuar usando minissaia e biquíni. Tenho medo que me chamem de velha ridícula. Eu estou na fase será que eu posso? Sou uma mulher invisível, uma mulher transparente’. (GOLDENBERG, 2017)

14 Entrevistado e citado na Reportagem de Thaty (2017) cf. referência em nota de rodapé anterior.

15 GOLDENBERG, M. A invenção de uma bela velhice. In: TEDx. *Mulheres que inspiram*. São Paulo, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CRos__CXTUo. Acesso em: 15 maio 2019.

Já o segundo, foi publicado nas redes sociais do projeto @euempregadadomestica, por uma (ex)trabalhadora doméstica.

O trabalho doméstico me deixou vários traumas psicológicos e no corpo também devido ao uso de produto de limpeza forte diariamente.
Limpendo hoje a minha casa eu percebi que consigo acordar cedo e ficar sem comer nada o dia todo e sentir fome lá pras 17h, porque era o horário que eu já estava acabando as faxinas aí comia algo rápido ou a marmita que eu levava de casa. Hoje não sendo mais doméstica, meu corpo se adaptou a uma realidade do passado.¹⁶

Fica claro que ambas as informantes precisam (re)construir seus projetos de vida e ressignificar sua própria existência, adequando-os ao novo momento da vida. No entanto, é preciso observar o que as difere. A bagagem acumulada em uma vida inteira, as referências apropriadas e introjetadas em seu próprio ser, a experiência concreta vivida e acumulada por essas mulheres são distintas e peculiares; talvez tenham se cruzado em algum momento, mas certamente serão determinantes no seu envelhecimento. Enquanto uma se preocupa com o uso de biquínis e minissaias já com uma certa idade, a outra percebe que não sente fome devido a um longo histórico de privação de suas vontades. A questão, parece-me, seria como construir um novo projeto de vida, adequado a uma nova realidade – a velhice – “esquecendo” as experiências acumuladas em uma vida?

Haja açoites, haja correntes e grilhões, tudo a seu tempo e com regra e moderação devida; e vereis como em breve tempo fica domada a rebeldia dos servos; *porque as prisões e açoites, mais que qualquer outro gênero de castigos, lhes abatem o orgulho e quebram os brios.* (BENCI *apud* CHIAVENATO, 1986, p. 123 – grifos nossos).

Que o envelhecimento populacional é uma realidade todos já sabemos; temos uma coleção de literaturas, estudos e pesquisas que comprovam e legitimam essa afirmação. Entretanto, pouco se fala sobre o envelhecimento da população negra, periférica, trabalhadora. Como sinalizado também por vários autores, as condições materiais de vida são determinantes para a concepção da velhice. E aí está a importância de racializar os debates em torno do envelhecimento, visto que a população negra está mais sujeita, em geral, a sofrer com as múltiplas expressões da *questão social* (IAMAMOTO, 1999) ¹⁷, que se traduzem nas piores

16 INSTAGRAM. *Eu empregada doméstica*. Disponível em: https://www.instagram.com/p/BxSayvHHuD_/. Acesso em: 15 maio 2019.

17 Segundo Iamamoto (1999, p. 27), a *questão social* pode ser definida como: “O conjunto das expressões das desigualdades da sociedade capitalista madura, que têm uma raiz comum: a produção social é cada vez mais coletiva, o trabalho torna-se mais amplamente social, enquanto a apropriação dos seus frutos se mantém privada, monopolizada por uma parte da sociedade”.

condições de vida para essa população. Assim, torna-se difícil imaginar que pessoas negras envelhecerão com dignidade e qualidade, basta estar em uma Ilpi pública ou qualquer outro equipamento da Assistência Social para ser assolado por essa inquietação empírica.

Considerações finais

Nesse cenário, é importante racializar o debate, porque não é apenas a classe social que impõe distinções entre os sujeitos. Ao se debruçar sobre a questão racial, do ponto de vista sociológico, é fácil perceber como a *raça* impõe diferenças à vida de pessoas negras e não negras, visto que essa categoria se sustenta na ideia de que é preciso diferenciar e classificar os indivíduos e, se é preciso classificá-los, será preciso também tratá-los de maneira distinta, evidenciando tal classificação.

Para pensarmos a velhice da população negra, gostaria de trazer a citação a seguir, que exemplifica a disparidade no processo de envelhecimento, considerando os marcadores classe social e *raça*:

O envelhecimento, a nosso ver, pode ser considerado uma conquista que não atende ao conjunto da sociedade, visto que, quando observamos as desigualdades nos territórios podemos constatar que *os locais onde o índice de envelhecimento é menor são locais onde a população negra se concentra em sua maioria*. Essa percepção é sustentada inclusive pelas projeções realizadas pela Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados (Seade), onde confirma que o processo de envelhecimento ocorre de forma muito diferenciada entre os territórios centrais e os periféricos. Conforme os dados da Fundação de 2014, ao analisar a cidade de São Paulo, o distrito com maior concentração da população idosa é o Alto de Pinheiros, com 25% da população com mais de 60 anos, sendo 8% com mais de 75 anos, enquanto Anhanguera é o distrito com menor quantidade de idosos, concentrando 6%, sendo apenas 1% acima de 75 anos. A idade média nos distritos estabelece 42,48 anos para Alto de Pinheiros e 30,52 para Anhanguera, no Índice de Envelhecimento de 2015, Alto de Pinheiros possui 25% e Anhanguera 28%. No que diz respeito às condições econômicas, conforme o Censo de 2010, Alto de Pinheiros é um bairro com renda per capita estimada em 3.984,34 enquanto Anhanguera a renda per capita estimada é de 528,11. (BARROS; BRANCOS, 2017, p. 5 – grifos nossos).

Considerando que as pessoas negras não têm as mesmas condições de vida que as pessoas não negras, é difícil pensar que seu envelhecimento será semelhante, isso sem considerarmos a herança ancestral e genética e as características étnico-raciais de cada grupo que se manifestaram de maneiras distintas para cada indivíduo.

A nomenclatura usada para designar os longevos estará associada, então, à condição social e/ou à capacidade produtiva, que remete, automaticamente, ao poder de consumo. Vê-se então um esforço do sistema (econômico e social) para (re)valorizar a velhice, mas

não de desconstrução pejorativa de seu significado, apenas de inclusão/aceitação do idoso que ainda é capaz de produzir/consumir. Àqueles incapazes e dependentes, sobrarão o lugar do velho, velhote, decrépito e encarquilhado que sobrecarregará as contas do Estado para se manter, “a simbologia contida na representação social é fabricada pelos grupos para compor o imaginário social” (RODRIGUES; SOARES, 2006, p. 6).

Assim como a construção do significado da velhice envolve uma série de valores, a construção de novos projetos de vida na chegada à velhice também envolverá. Logo, acredito que não será possível construir um outro projeto de vida dissociado de sua condição de classe, tampouco, dos valores e experiências marcados em sua trajetória pessoal. Quem nunca foi visto com cidadão, pertencente e valoroso, não se tornará um idoso como os mostrados pela mídia; a esses sobrarão o papel do velho, que será institucionalizado, justamente, por ter se tornado velho, o mesmo que sem serventia.

Contribuições dos/as autores/as: Não se aplica.

Agradecimentos: As trabalhadoras domésticas negras, que inspiraram essas reflexões.

Agência financiadora: CAPES.

Aprovação por Comitê de Ética: Não se aplica.

Conflito de interesses: Não se aplica.

Referências

ANDRADE, D. G. Empregado doméstico. 1997. Disponível em: https://www.trt3.jus.br/escola/download/revista/rev_57/Darcio_Andrade.pdf. Acesso em: 6 jul. 2019.

ATHIAS, L. Investigação étnico-racial no Brasil: entre classificação e identificação. In: IBGE. *Panorama nacional da produção de indicadores sociais: grupos populacionais específicos e uso do tempo*. Rio de Janeiro: IBGE, 2018.

BARRACÃO de Zinco. [Composição]: Luis Antônio; Oldemar Magalhães; [Intérprete]: Elisete Cardoso. In: *Letras*. Disponível em: <https://www.lettras.mus.br/elisete-cardoso/870395/>. Acesso em: 3 jun. 2019.

BARROS, C. da S.; BRANCOS, S. I. de D. Envelhecimento da população negra, desigualdade racial e qualidade de vida. *Revista Tema*, São Paulo, 2017.

BRASIL. Ministério da Cidadania. Censo Suas. In: *Portal Censo Suas*. Brasília, [201-]. Disponível em: <https://aplicacoes.mds.gov.br/sagirmsps/portal-censo/>. Acesso em: 11 jul. 2019.

CASTRO, C. Goffman e os militares: sobre o conceito de instituição total. *Revista Militares e Política*, Rio de Janeiro, n. 9, 2011.

CAMARANO, A.A. (Org.). *Cuidados de longa duração para a população idosa: um novo risco social a ser assumido?* Rio de Janeiro: Ipea, 2011.

CHIAVENATO, J.J. *O negro no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

DIAP – Departamento Intersindical de Assessoria Parlamentar. *Mulheres são maioria no trabalho doméstico, revela pesquisa do MTPS Ipea*. In: DIAP. *Notícias*. Brasília, 18 mar. 2016. Disponível em: <https://www.diap.org.br/index.php/noticias/noticias/86314-mulheres-sao-maioria-no-trabalho-domestico-revela-pesquisa-do-mtps-ipea>. Acesso em: 19 jun. 2019.

EVARISTO, C. A gente combinamos de não morrer. In.: *Olhos d'Água*. Rio de Janeiro: Pallas, 2015.

FERREIRA, B. S.; SILVA, L. N. Superestrutura, direito e ideologia: uma relação dialética, sistêmica e autopoietica. *Plataforma Pública Direito*. 2011. Disponível em: <http://publicadireito.com.br/artigos/?cod=89588adb3079c344>. Acesso em: maio 2019.

GOFFMAN, E. *Manicômios, prisões e conventos*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1974.

GOLDENBERG, M. A invenção de uma bela velhice. In: TEDx. *Mulheres que inspiram*. São Paulo: TEDx, 2017. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=CRos_CXTUo. Acesso em: 15 maio 2019.

IAMAMOTO, M.V. *O Serviço Social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional*. São Paulo: Cortez, 1999.

INSTAGRAM. Eu empregada doméstica. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BxSayvHHuD/>. Acesso em: 15 maio 2019.

INSTAGRAM. Intelectuais negras. Disponível em: https://www.instagram.com/intelectuais_negras/. Acesso em: 4 jul. 2019.

LACERDA, L.E.P. de. Exercício profissional do assistente social: da imediatividade às possibilidades históricas. *Revista Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 117, jan./mar. 2014.

RIBEIRO, D. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RODRIGUES, L.de S.; SOARES, G.A. Velho, idoso e terceira idade na sociedade contemporânea. *Revista Ágora*, Vitória, n. 4, 2006. Disponível em: periodicos.ufes.br/agora/article/view/1901. Acesso em: maio 2019.

THATY, M. Envelhecimento: reflexos da pobreza, educação e atendimento médico na vida do idoso (bloco 2). In: CAMARA DOS DEPUTADOS. *Reportagem Especial*. Brasília, 27 mar. 2017, áudio player. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/radio/programas/510323-envelhecimento-brasil-um-pais-de-idosos/>. Acesso em: 25 maio 2019.